

'FH é quem tem mais sangue frio'

Carlos Eduardo - 13/1/1999

CLAUDIA SAFATLE

BRASÍLIA - O regime de livre flutuação da taxa de câmbio veio para ficar e a expectativa é que, no prazo máximo de seis meses, ele esteja consolidado e os juros em queda. Não há mais a possibilidade de se voltar a um sistema de bandas cambiais e o preço do dólar será definido pelo mercado. Haverá alguma inflação, sim, mas não é fácil prever de quanto. Os juros serão usados para controlar as remarcações de preços. As metas de déficit nominal acertadas com o Fundo Monetário Internacional terão que ser revistas e a liberação da segunda parcela de recursos do pacote do FMI só deverá sair após a renegociação do acordo.

As afirmações foram feitas ontem pelo presidente do Banco Central, Francisco Lopes, na primeira entrevista após seis dias de vigência da livre flutuação. Ele informou que o país ainda dispõe de US\$ 36 bilhões de reservas cambiais, considerando os US\$ 9 bilhões de recursos do pacote do FMI, liberados no mês passado.

O presidente do BC garantiu que não há possibilidade de moratória da dívida interna nem externa. Acha essa especulação "ridícula" e descartou iniciativas na direção de controle cambial, como a centralização do câmbio no BC. "A estabilidade do câmbio fixo é enganosa", concluiu.

Para Lopes, ontem foi um dia "razoavelmente bom", depois de uma quinta-feira "decepcionante", quando os mercados reagiram com enorme pessimismo, mesmo com a aprovação de medidas fiscais pelo Congresso. Os primeiros dias "foram enganosamente bons". A cotação do dólar bateu em R\$ 1,71. Se vai se estabilizar nesse patamar, cair ou subir, Lopes não comenta. Apenas insiste em que a lógica da livre flutuação é deixar que o mercado encontre seu ponto de equilíbrio. Ele reserva ao BC o direito de intervir de forma discricionária, mas não deixa pistas sobre que padrão de intervenção tem em mente.

Sobre o Banco do Brasil, que ontem teria feito três intervenções vendendo dólar para aliviar a demanda do mercado, ele não fala. "Não sei, mas se o BB entrou vendendo deve ter feito um bom negócio". E insiste em que, em qualquer lugar do mundo que tem regime de câmbio flutuante, a intervenção é legítima.

Na última quinta-feira, quando os mercados estavam em verdadeira paranóia e os boatos corriam soltos, o presidente Fernando Henrique Cardoso telefonou para Lopes, recomendando frieza. "O presidente é quem tem mais sangue frio. Ontem ele me telefonou e disse que eles estavam nos testando. Então comentei: venha para cá operar a mesa".

CÂMBIO

A tendência é que a taxa de câmbio se desvalorize no curto prazo e se aprecie no médio prazo. Até ontem, a desvalorização do real frente ao dólar americano foi de 41% sobre a Ptax (a média das taxas) do dia 12 último. O presidente do BC acredita que, quando o regime de livre flutuação se consolidar, o real poderá recuperar um pouco seu valor e haverá um "enorme" espaço para queda das taxas de juros. Quando isso vai ocorrer? "Certamente em não mais do que seis meses, pela experiência que temos de outros países".

"MUNDO NOVO"

Foi uma mudança drástica e essa é uma fase de aprendizagem para todos, diz o presidente do BC. "Acabamos sendo forçados a ir mais rapidamente para a livre flutuação. Tentamos fazer uma transição através banda diagonal endógena, mas não deu certo. Fomos forçados pela perda de quase US\$ 7 bilhões de reservas cambiais até a semana anterior à livre flutuação. Estou convencido de que o Brasil tem condições de fazer essa transição e se libertar de vez dessa amarra".

DIVISAS

"Tivemos notícias boas sobre o fluxo de divisas. Melhorou espetacularmente a contratação de câmbio para exportação, que anteontem, quinta-feira, foi de US\$ 240 milhões, gerando um superávit de US\$ 153 milhões na balança comercial contratada. Em 21 dias, isso significaria superávit de US\$ 3 bilhões", disse Lopes, que considerou esse movimento excelente, principalmente tendo em vista que as linhas de Adiantamento de Contrato de Câmbio (ACC) estão praticamente desativadas.

MORATÓRIA

"Achamos um pouco ridícula essa história de moratória da dívida externa. Não consigo imaginar em que situação o Brasil teria que decretar moratória. A opção pela livre flutuação é pró-mercado. Em setembro passado, após a moratória da Rússia, muita gente nos sugeriu fazer controle de capitais. Reagimos prontamente contra a idéia porque o país está recebendo, por ano, US\$ 20 bilhões em investimentos diretos. Fazer algo nessa direção seria jogar fora esse potencial que o país tem de atrair investimentos".



Chico Lopes: "Achamos que nosso regime cambial estava andando bem, mas não conseguimos mudar a opinião do resto do mundo"

DÍVIDA INTERNA

"Tenho dificuldade de entender por que as pessoas se preocupam com isso, com uma moratória da dívida interna", diz o presidente do BC. A cada vez que os juros aumentam, forma-se nos agentes econômicos a sensação de que o governo terá que dar 'um calote' na dívida interna, de mais de R\$ 350 bilhões, porque ela será impagável. Na Argentina isso foi feito, mas Lopes ressalta que foi numa situação completamente diferente. "Os Bonex foram criados como forma de segurar o processo de hiperinflação na Argentina através da destruição de riqueza." No Brasil, assegura ele, a dívida interna líquida cresceu de 29% para 40,9% do PIB (produto Interno Bruto) entre 1995 e 1998, mas seu crescimento está num ritmo que ele considera "controlado" e é uma relação muito menor do que a grande maioria dos países.

INFLAÇÃO

A desvalorização do real provocará movimentos de reajustes de preços. Quanto exatamente, não se sabe. Mas ele diz que não será aquela "velha inflação", que não repre-

sentará uma recriação de uma inflação que se perpetua. "Será um efeito temporário e não vamos indexar a taxa de câmbio à inflação do mês". É uma longa discussão entre os economistas a questão de que percentual do câmbio vira inflação. "Nos países asiáticos foi muito baixo. No México, foi pouco menos do que a metade."

ESFORÇO FISCAL

O presidente do BC diz que as metas de déficit nominal acertadas com o FMI terão que ser revistas, mas não as de superávit primário. E acha que 2,6% de superávit primário é um esforço um importante, uma âncora fiscal suficiente para manter a estabilidade econômica. Ao substituir a âncora cambial pelas âncoras monetária e fiscal, o que o governo está dizendo é o seguinte: antes, no regime de bandas cambiais, os juros eram usados para defender o câmbio e as reservas. No momento em que a livre flutuação for consolidada e funcionar normalmente, a taxa de juros será usada como instrumento para estabilizar os preços, impedir que a inflação volte a níveis elevados. E isso só é possível se o governo não ficar jogando dinheiro na economia (crian-

do demanda) através de uma política de gastos frouxa e deficitária.

DÓLAR FLUTUANTE

A tendência é de unificar os câmbios, acabando com o segmento de taxas flutuantes, mas "há uma série de questões normativas que precisam ser trabalhadas com cuidado", pondera Lopes.

CURRENCY BOARD

A criação do Conselho da Moeda, como existe na Argentina, só faz sentido num regime de câmbio fixo. O presidente do BC disse ainda que é frontalmente contra um retorno de bandas cambiais e que no exato momento em que o governo tentasse fazer isso, voltaria a ser "atacado". Comentou também: "Achamos que nosso regime cambial estava andando bem, mas não conseguimos mudar a opinião do resto do mundo". E defendeu o uso da âncora cambial nos primeiros tempos de implantação do Plano Real como instrumento de derrubada da inflação crônica. Só que a transição daquela época para cá ficou mais complicada pelas sucessivas crises internacionais. Agora, contudo, teve que ser feito e, certamente, não foi o melhor momento.